

# Recuo espanhol

O estrago provocado pela crise na Europa já é visível nos volumes de investimentos diretos vindos daquela região para o Brasil. Dados do Banco Central mostram que o total de recursos oriundos da Alemanha, de US\$ 1,99 bilhão, caiu 95% no primeiro quadrimestre deste ano em comparação ao do mesmo período de 2009, de US\$ 85 milhões. No caso da Espanha, o saldo encolheu de US\$ 1,05 bilhão para US\$ 271 milhões — menos 75%.

Também já se observa retiradas maiores de recursos do país por empresas multinacionais, dinheiro que está reforçando o caixa de suas matrizes. Em abril, as remessas de lucros e dividendos totalizaram US\$ 3,34 bilhões, quase o dobro do US\$ 1,71 bilhão enviado no mesmo mês de 2009. Segundo o estrategista-chefe do Banco WestLB, Roberto Padovani, se essas saídas de capitais se mantiverem fortes nos próximos meses, certamente o Brasil terá mais dificuldade para financiar os rombos crescentes nas contas externas.

Na opinião do chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, não há motivos para preocupação. Para ele, as remessas ao exterior continuarão crescendo, “mas em um padrão de normalidade”, contribuindo para dar um refresco no déficit nas transações correntes, que, pelos seus cálculos, ficará em US\$ 2,7 bilhões em maio. Mas, ainda que esse rombo menor se confirme, os investimentos diretos, estimados em US\$ 1,6 bilhão, não serão suficientes para cobri-lo.

## Porto seguro

Altamir destacou que tal diferença será bancada pelos recursos aplicados em ações, que, no mês passado, somaram US\$ 3,30 bilhões, e pelo capital direcionado a títulos públicos (renda fixa), que alcançou US\$ 3,99 bilhões. No seu entender, mesmo sendo esse dinheiro sendo de curto prazo, não há risco de uma fuga em massa do país, pois, desde que recebeu a chancela de grau de investimento (porto seguro), o Brasil tem atraído investidores institucionais (fundos de pensão, por exemplo), que não se deixam contaminar por turbulências momentâneas.

Outro fator que tranquiliza o BC é a elevada capacidade das empresas privadas em refinanciar suas dívidas. A chamada “taxa de rolagem” foi de 226% em abril e está em 125% em maio. (GC)